

## “O lado bom da vida”: um olhar psicanalítico

**Patrícia Fabrício Lago\***

*“Está brincando comigo? Domingos? Amo domingos. Vivo pelos domingos. A família toda reunida. Mamãe faz bracciolas. Papai coloca a camiseta do time, e todos assistimos ao jogo. Sim, me enlouquece...”*

A fala de Pat Solitano Jr., ao iniciar o filme, impacta-nos pela confusão em que ele se encontra. Como assim? Então ele ama os domingos que o enlouquecem? O protagonista de “O lado bom da vida” parece perceber o caráter contraditório de suas palavras e acrescenta, como tentando dar sentido ao paradoxo: os domingos eram bons, ruim era ele próprio;

*“[...] E, sim, eu era negativo. Você nem sabia que eu a amava, Nikki. Mas eu a amava. Eu só não dava valor para isso, ou para você, antes. E perdi tudo isso. Eu estraguei tudo. [...] Mas estou melhor agora.”*

Pat sente que destruiu tudo o de valor que tinha. Está saindo de uma internação psiquiátrica com diagnóstico de transtorno de humor bipolar, seu casamento está desfeito e seu emprego, perdido. Mas ele sai decidido a recuperar o que perdeu. Tenciona “*pegar toda essa negatividade e usar como combustível para encontrar o lado bom da vida!*”. Nos limites desse texto, pretendo iluminar dramas

---

\* Médica psiquiatra pela UFRGS. Professora e supervisora dos cursos de Especialização e Extensão em Psicoterapia de Orientação Analítica do Centro de Estudos Luis Guedes - CELG/Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAMED/UFRGS. Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

humanos ali encenados com um olhar psicanalítico; um olhar entre tantos possíveis. Enfocarei o vértice das insuficiências simbólicas e da intolerância à dor mental (Bion, Ferro, Winnicott, Bollas), mas também as questões ligadas ao processamento do Édipo (Freud).

Pat, interpretado por Bradley Cooper, é apresentado para nós não pelo que ele é, mas pelo que perdeu. Retirado do hospital contra a indicação médica, é nítido o temor da família e dos demais quanto ao que ele possa fazer. Há ordens judiciais restritivas que o impedem de aproximar-se da ex-esposa, da casa onde morava, da escola onde trabalhava. Mas, o que terá feito Pat tornar-se tão agressivo ao ponto de justificar tais restrições?

Vejamos o fator desencadeante da crise:

*“Voltei cedo do trabalho, o que nunca faço. [...] Chego em casa e está tocando a música do meu casamento. [...] Estava tocando a música do meu casamento, mas não achei nada demais. O que é estranho, pois deveria. [Pat percebe que algo interferia com sua percepção.] Entro pela porta e vejo roupas de baixo, roupas jogadas e a calça de um homem com o cinto. Olho para baixo e vejo a calcinha da minha mulher no chão. Olho para cima e a vejo no chuveiro, nua. E penso, que legal [!!!], vou entrar no chuveiro e talvez nós transemos, o que não ocorre há tempo. Puxo a cortina e lá está o professor de história. [...] Ele me disse: ‘seria melhor se você fosse embora.’”*

Pat, então, espanca o homem, bem mais velho, deixando-o quase à morte, o que desencadeia as perdas referidas.

Vemos, assim, que Pat vinha fazendo uso maciço de mecanismos de defesa para lidar com a realidade. A possibilidade de apreender e estar em contato com a realidade psíquica depende da capacidade de tolerar a dor resultante desse contato. É o que Bion<sup>1</sup> expressa pela relação continente-contido, em que as capacidades de continência da mente são contrastadas com as experiências emocionais – o contido – a serem processadas ou evadidas.

Ferro<sup>2</sup> assinala que uma das maiores dificuldades da espécie humana está em poder viver as emoções. É pelo sonho que experiências emocionais brutas (elementos â) são transformadas em experiência emocional simbólica (elementos á).<sup>3,4</sup> Evitar as emoções, ao invés de vivê-las, é o recurso da mente insuficiente. Resta a possibilidade de evacuá-las, o que pode tomar a forma de descarga violenta, como ilustra a reação de Pat. Não encontrando em si próprio, nem em outro, possibilidade de contenção, Pat procurou negar as percepções e evitar as emoções decorrentes. Mas o que é negado – repudiado, no dizer de Freud<sup>5</sup> – retorna na forma de delírios.

Assim, uma semana antes do flagrante, Pat informara à polícia que *"minha esposa e o professor de história tramavam contra mim ao desviar dinheiro da escola. O que não era verdade. Foi um delírio"*. Sim, foi um delírio, e Pat deseja que tal produção de sua mente decorra apenas de sua doença. Entretanto, segundo Freud<sup>5</sup>, *"a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução."* (p. 94-5). Pela projeção, *"aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora"* (p. 95). Quer dizer, o delírio produzido por Pat rerepresentou a ele aspectos da realidade anteriormente repudiados. Sim, havia uma associação oculta entre sua esposa e o professor de história. Algo o fez voltar para casa mais cedo naquele dia.

Mas, quem é Pat e como terá chegado a isso? Pat era professor substituto de História na escola onde também sua ex-esposa e o amante trabalhavam. É interessante essa ideia de "substituto". Será que Pat, então, não concluiu seu desenvolvimento emocional, não resolveu seu Édipo de forma a vir a encontrar um lugar próprio? Permaneceria ele funcionando em um papel infantil, de substituto do pai edípico junto à mulher/mãe de quem ele não pode, portanto, ter a posse plena?

Na relação familiar que vai se descortinando, há diversas alusões a conluios e alianças, ora entre mãe e filho, ora entre ele e o pai. Pat fora retirado do hospital pela mãe, sem que seu pai soubesse e contra a indicação médica (representante paterno/lei). A mãe (Jacki Weaver) conta para o filho um segredo do pai (Robert DeNiro), que busca resolver suas dificuldades financeiras jogando e envolve o filho no seu sistema obsessivo-compulsivo, responsabilizando-o pelo resultado dos jogos. O pai fora expulso dos estádios por brigas. Pat diz: *"Meu pai é o cara explosivo, não eu"*. Emerge, assim, uma confusão pai-filho: o que é do pai, o que é do filho?

Dessa forma, Pat não parece ter um papel próprio em sua vida. Segue refém dos vínculos com os objetos originais. Sim, os domingos em família enlouquecem Pat, mas ele não pode pensá-los, modificá-los, ou sequer recusá-los. Pode apenas assumir a culpa, caminho, aliás, sinalizado pelo pai: *"O que você fez? Que merda você fez? Está tudo fodido. Estou arruinado. Você é um perdedor e arruinou tudo!"* Quem é o perdedor? O pai? O filho?

Winnicott<sup>6</sup> descreve a necessidade do adolescente de "assassinar" os pais, para o que é necessária a sobrevivência do objeto. Segue-se uma nova organização no *self*, um reordenamento identificatório.<sup>7</sup> O pai excessivamente agressivo e simultaneamente fraco teria interferido com a possibilidade de Pat viver seu confronto geracional?<sup>7</sup> Não tendo havido assassinato parental, Pat mostra-se identificado com o pai e submetido a ele.

Mas é então que Tiffany (Jennifer Lawrence) entra em cena, evocando o que Bollas<sup>8</sup> chamou de "objeto transformacional", um objeto que porta a promessa de transformação do sujeito.

Tiffany não rechaça, não critica, mas reconhece ou espelha as necessidades de Pat. Esse processo de identificação vai dando lugar a uma espécie de aposta antecipada de Tiffany na capacidade de vir a ser de Pat, uma confiança nos recursos potenciais dele. Ela o convoca libidinalmente, atribui-lhe um papel e

estabelece uma espécie de contrato, para o qual provê também um “*setting*” – seu estúdio de dança – onde a maior parte das trocas entre eles ocorrerão. É um espaço privado onde desenvolverão uma tarefa partilhada.<sup>9</sup> Ela se oferece, ainda, como um objeto transferencial: “*caminha para mim ‘como se’ eu fosse a Nikki*”.

Segundo Winnicott<sup>10</sup>, a responsividade recíproca, os ritmos compartilhados, seria a base da comunicação primitiva. É assim, pela dança, que eles vão ajustando seus ritmos e negociando temas como o da confiabilidade mútua. Em torno de Tiffany é representado e explicitado o conflito entre Pat e seus pais. Ela exige que ele “*cumpra com suas combinações*”, o que implica deixar de estar à disposição do pai para o papel que ele lhe atribui. É também Tiffany quem, *by proxy*, enfrenta as figuras parentais de Pat, representando, talvez, a possibilidade potencial de que ele próprio faça sua confrontação geracional.

É em uma competição de dança que a trama se resolve. É uma dupla aposta. O futuro financeiro do pai e também a vida de Pat estão em jogo. Tolerando o contato com a realidade e as emoções envolvidas, ele assume um papel ativo ao retomar sua parceira de outro, investe nas suas funções e faz a sua escolha, realista e a partir do seu desejo. É uma comédia romântica, há um final feliz: Tiffany e Pat juntos, como um casal; os domingos em família não mais enlouquecedores.

Pode-se pensar que, durante a lenta busca pela sincronia em seus movimentos, estabeleceu-se entre Tiffany e Pat um tipo de relação que funcionou, como sugere Roussillon<sup>11</sup> referindo-se ao enquadre analítico, como “*lei*” instauradora de um processo de elaboração. Trata-se de um encontro mediado por um contrato simbólico que exerceu uma coerção sobre ambos, em relação às atuações sexuais, para ela, e à busca imediata de Nikki, para ele. Esse contrato portava, também, os limites necessários ao trabalho de luto e de simbolização, limites nas suas formas e duração, alternando, de maneira regular, presença atenta e reflexiva, ausência e solidão na presença do outro. Pat, com o auxílio de um objeto transformacional, pôde então “*alfabetizar*”<sup>12</sup> protoemoções, elaborar ansiedades e conflitos, deixar de ser um “*substituto*”.

## Referências:

1. Bion, W.R. *Ataques à ligação*. (1959) In: Estudos psicanalíticos revisitados. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
2. Ferro, A. *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
3. Bion, W.R. (1962) *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1963.
4. Rocha Barros, E.M. (2005) *Conceitos psicanalíticos fundamentais na escola das relações de objeto*. In: Eizirik, C.L.; Aguiar, R.W. e Schestatsky, S.S. *Psicoterapia de Orientação Analítica – fundamentos teóricos e clínicos*. 2ª. Ed. Artmed. Porto Alegre, cap. 7, p.96-112.

5. Freud S. *Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)* (1911) In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1969, v 12, p.15-108.
6. Winnicott, D. W. (1975) *Conceitos contemporâneos do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior*. In: \_\_\_\_\_ O brincar e a realidade. (p.195)
7. Kancyper, L. *Confrontação de gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
8. Bollas, C. (1979) *The Transformational Object*. Intern.Journ.ofPsycho-Analysis, 60:97-107.
9. Figueiredo LC, (2011) *Cuidado e saúde: uma visão integrada*. ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos, v. 29 (2) 11-29.
10. Winnicott, D. W. (1969) *A experiência mãe-bebê de mutualidade*. In: Explorações Psicanalíticas D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 2005.
11. Roussillon, R. A *“linguagem” do enquadre e a transferência sobre o enquadre*. Colóquio da Sociedade Psicanalítica de Paris – 80º aniversário (Mutualité) Paris,18.nov.2006. Tradução Ester Litvin. <http://ebookbrowse.com/a-linguagem-do-enquadre-e-a-transfer%C3%Aancia-sobre-o-enquadre-doc-d137161354>.
12. Ferro, A. (1997) *A técnica da psicanálise infantil – A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.